

FRENTE ÚNICA CONTRA A POLÍTICA DE FOME E GUERRA DE VARGAS

ESTE O SENTIDO DAS CANDIDATURAS POPULARES NO IMPORTANTE PLEITO QUE HOJE SE REALIZA EM SÃO PAULO — A PALAVRA DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL SOBRE AS ELEIÇÕES — COMITÊS POPULARES DA CAMPANHA ELEITORAL TRANSFORMAM-SE EM ORGANIZAÇÕES PERMANENTES



Grande manifestação do povo paulista, no Vale do Anhangabaú, em apoio aos candidatos populares à Prefeitura daquela capital

As atenções do país estão voltadas hoje para a capital de São Paulo, onde se realizam eleições para os cargos de prefeito e vice-prefeito. O pleito assume considerável importância, em vista de sua significação no conjunto da política nacional, como se desprende pelo manifesto que acaba de ser lançado pelo Comitê Municipal de São Paulo do Partido Comunista do Brasil.

Depois de proclamar mais uma vez a necessidade patriótica da solução de Prestes para o nosso país, chamando todo o povo à luta sem tréguas por um governo democrático-popular, o Comitê Municipal do PCB diz:

«Contra a vontade dos traidores e dos vendidos da nação, contra a vontade do governo de Getúlio e Garcez, o povo de São Paulo reconquistou a autonomia municipal, que lhe havia sido criminosamente roubada pelos partidos governamentais, precisamente porque valem em nossa cidade um baluarte do Partido de Luiz Carlos Prestes.

A reação foi incapaz de impedir a participação das forças democráticas nas eleições.

O Comitê Municipal de São Paulo do Partido Comunista do Brasil chamando os paulistas a se organizarem, desde já, de modo permanente, em comitês de Comissões de Empresas e Comitês Populares, nos bairros, vilas, ruas, cortiços e favelas, por toda parte, conclamando o povo a levar a vitória a 22 de março, a chapa da Convenção Popular, manifestando o vosso protesto contra o governo de fome e terror de Getúlio e Garcez, contra a aprovação do infame Acordo Militar, contra qualquer ameaça de envio de tropas à Coréia.

ENTUSIASMO

S. PAULO, 21 (Do correspondente) — (Recebi grande entusiasmo em toda a cidade pelas eleições que se realizam amanhã. Desde há muitos anos São Paulo não tem direito a escolher o seu Prefeito. Entretanto, presume-se que a abstenção ainda será devida à descrença do povo nas soluções desse regime, o

ASSALTO
DESCARADO
AOS MINERIOS ATÔMICOS

TRAMADO SECRETAMENTE ENTRE O ITAMARATI E O DEPARTAMENTO DE ESTADO UM CONVÊNIO PELO QUAL GRANDES QUANTIDADES DE TÓRIO E CLORETO DE CÉRIO, AO PREÇO VIL DE 200 MILHÕES DE CRUZEIROS, SERÃO EXPORTADOS PARA OS ESTADOS UNIDOS — TRES FIRMAS PARTICULARES, DAS QUAIS UMA SUBSIDIÁRIA DO TRUSTE DA BOMBA ATÔMICA, APARECEM ILEGALMENTE NA TRANSAÇÃO — ALERTA AOS PATRIOTAS



Diretor: PEDRO MOTTA LIMA

IMPRENSA POPULAR

ANO VI — Rio, Domingo, 22 de Março de 1953 — N. 1377

Deve Existir Legalmente O Partido Comunista

É uma necessidade a volta do PCB à legalidade afirma o jornalista Edmar Morel — No mesmo sentido manifesta-se o dep. Nelson Carneiro

LEIA NA 5a. PAG.

Logo em seguida à sensacional revelação que fizemos — confirmada, inclusive, com documentação fotográfica apresentada pela delegação do Espírito Santo à Convenção Nacional Contra o Acordo Militar — a respeito da venda clandestina de areias monazíticas de Guarapari aos Estados Unidos, temos a notícia outro fato de maior gravidade ainda.

Trata-se da exportação em grande escala de tório e cloreto de cério para os Estados Unidos.

Normalmente, de acordo com lei há pouco promulgada, tais transações só podem ser feitas de governo para governo, o que é uma forma de encobrir o saque às nossas jazidas. Entretanto, neste caso, o assalto ainda é mais cínico, pois quem dirige as operações são as



D. Heloisa Ramos, esposa de Graciliano, su as filhas Clarita e Lúcia, sua irmã Amália, entre pessoas amigas, momentos antes da saída do corpo à sepultura



Ao lado do esquife funerário estão Dalcídio Jurandir, Roberto Morena e Jorge Amado, que falaram, respectivamente, em nome do Partido Comunista do Brasil, da Confederação dos Trabalhadores do Brasil e do Conselho Mundial da Paz

HOMENAGEM DO POVO CARIOCA
À MEMÓRIA IMORTAL DE STÁLIN

GRANDE ATO PÚBLICO NO 30º DIA DA MORTE DO CAMPEÃO DA PAZ — ENTRE AS PERSONALIDADES QUE O PROMOVEM, LUIZ CARLOS PRESTES E DIÓGENES ARRUDA

Em homenagem à memória de Stálin realizou-se, nesta Capital, um grande ato público no 30º dia de sua morte. Esta homenagem popular ao Campeão Mundial da Paz é promovida por destacadas personalidades nacionais, entre as quais figuram os nomes de Luiz Carlos Prestes, Diógenes Arruda, e Francisco Gomes.

Os promotores da homenagem lançaram a seguinte conclusão a todos os patriotas e amigos da paz:

«O falecimento do generalíssimo Josef Stálin, Presidente do Conselho de Ministros da União Soviética, comoveu o mundo. Sua figura de estadista marca todo um período da história contemporânea. Criador do primeiro Estado socialista; comandante em chefe dos Exércitos Soviéticos durante a guerra travada pelas Nações Unidas contra a barbárie nazista, conduziu seu povo à vitória; libertou toda a humanidade da ameaça da escravidão, pensador que contribuiu poderosamente para o desenvolvimento da ciência social e enriqueceu o patrimônio cultural da humanidade, o generalíssimo Stálin precioso e praticou, à frente do seu povo, uma coerente política de paz e amizade entre os povos, baseada na possibilidade da coexistência pacífica de regimes diferentes e no respeito à soberania de todas as nações.

Expressando os sentimentos de dor do novo brasileiro pelo falecimento deste grande fleuma do nosso século, nós, homens das mais diversas tendências e opiniões, tomamos a iniciativa de um ato em homenagem

DERRADEIRA HOMENAGEM DO POVO
AO ESCRITOR GRACILIANO RAMOS

Levado ontem à sepultura o corpo do grande romancista e combatente da causa da paz e do progresso — Intelectuais de todas as tendências unidos na mesma dor — Entre os oradores os deputados Roberto Morena e Freitas Cavalcanti e os escritores Jorge Amado e Dalcídio Jurandir, que falou em nome do P.C.B. — Personalidades presentes



No momento em que o féretro desce as escadarias da Câmara Municipal, transportado pelos srs. Pascoal Carlos Magno, Henrique Miranda, Mício Tati, Moacir Werneck de Castro, Ricardo Ramos e Roberto Morena

Foi grande o número de amigos, camaradas e admiradores de Graciliano Ramos, homens, e mulheres de povo que compareceram ontem aos seus funerais. Desde sábado pela manhã, esteve o corpo em câmara ardente, no Salão de Honra do legislativo municipal. Durante cerca de 24 horas houve constante de destilar de pessoas, que lhe prestavam a derradeira homenagem.

O SAIMENTO

As 10 horas da manhã verificou-se o saimento, sendo o esquife transportado pelos srs. Euzébio Dworkin, ministro da Polónia, Peregrino Junior, Candido Portinari, Isaac Akeelrud, José Olimpio e Francisco de Assis Barbosa.

No vestibulo da Câmara Municipal do 1º secretário, sr. Pascoal Carlos Magno, falou em nome do legislativo carioca, despedindo-se de Graciliano. Passaram então a segurar as alças do caixão, conduzindo-o até o cocho, os srs. Pascoal Carlos Magno, Mício Tati, Moacir Werneck de Castro, Ricardo Ramos, Roberto Morena e Henrique Miranda.

Em frente à Câmara Municipal formou-se então um longo cortejo, que rumou ao Cemitério São João Batista.

O ADEUS DA ABDE

Ao pé do túmulo de Graciliano Ramos, falou inicialmente o sr. Mício Tati, vice-presidente da Associação Brasileira de Escritores, da qual o romancista desaparecido foi presidente por dois anos consecutivos. Mício Tati expressou a dor não somente dos membros da ABDE, como de todos os que presam a cultura no Brasil, exaltando a importância da obra de Graciliano Ramos na nossa literatura, como mestre do romance, ao mesmo tempo que sua inflexível dignidade de intelectual e de cidadão.

FALTA JORGE AMADO

Jorge Amado falou em nome do Partido Comunista do Brasil.

STÁLIN IMORTAL

NOTA DA REDAÇÃO: — Este artigo acaba de ser publicado pela "Gazeta Literária" de Moscou, para a qual foi especialmente escrito.

Vi os povos de quatro países — Brasil, Argentina, Chile e Paraguai — como que enudecidos e subitamente parados ante a notícia terrível, os corações como que a ponto de estalar de dor. E senti então, em toda a sua grandeza, a imortalidade de Stálin, a imortal força criadora de sua vida e de sua obra. Porque o instante de dor desesperada, de dor da criança que perdeu o pai amantíssimo e se sente orfã e abandonada — sem saber que fazer, esse instante de angústia e medo, foi um passageiro instante. Logo em seguida a dor imensa, sem medida e sem limites, para a qual não bastam as lágrimas nem os soluços, já não era dor desesperada nem estavam orfãos, nem perdida estava a humanidade porque conosco continuava Stálin, à nossa frente, imortal. Vivo como vivo está Lenin, imortal.

Nascendo cada manhã com o ralar da aurora e a partida dos homens para o trabalho. Vigilante às vezes, desde a Praça Vermelha, ao lado de Lenin, para que o sono dos homens não

DIARIAMENTE DEPOIS DAS 16 HORAS

Continua Muda A Faixa do Cais

Nova tentativa fracassada de descarregar o "Loide Cuba" — Tenta o governo utilizar as Docas do Loide — Gêneros apodrecendo nos navios à espera de vaga para descarga — "Já acostumamos a largar às 16 horas", afirmam os portuários (Leia texto na 5a. página)

(URUGUAI: Radiche; Matias Gonzalez e Martinez; Rivera, Carballo e Cruz; Puentes, Romero, Morel, Balseiro e Pelaez. EQUADOR: Bonnard; Sanchez e Henriquez; Lobato, Marin e Aguirre; Balseca, Pinto, Chuchuca, Vargas Gusmann. Ainda não está decidida a arbitragem do jogo Brasil x Chile, mas sabe-se que o Brasil somente aceitará a indicação de Mr. Dean, tendo o Sr. José Lins do Rego, chefe de nossa embaixada, ameaçado abandonar o campeonato, caso fôsse designado outro apitador.

Repete-se Com o Café o Escândalo do Algodão

UM NOVO PANAMA, PROPORCIONADO PELA COMISSÃO DE FINANCIAMENTO DA PRODUÇÃO — ENTREGA AOS TUBARÕES 300 MIL SACAS NA BASE DE 206 CRUZEIROS, OS 10 QUILOS, PARA EXPORTAR A 230 CRUZEIROS — E HA AINDA OS LUCROS EXTRAS DO CAMBIO LIVRE



Este é o conjunto do Henrique de Melo, campeão do torneio Inter-Clubes de Osvaldo Cruz, um dos principais ganhadores desta tarde.



O poderoso quadro do Juvenil E. C. Cruzeiro do Sul, que, na tarde de hoje, tentará levar a vitória e o conjunto do Unidos de Osvaldo Cruz.

ABRE-SE HOJE O

Torneio Inter Clubes de Osvaldo Cruz

O Esporte Amadorista estará em festa na tarde de hoje, com a abertura do Torneio Inter-Clubes de Osvaldo Cruz, organizado pelo Fluminense Suburbano e patrocinado pela IMPRENSA POPULAR.

As partidas programadas para esta tarde são as seguintes: Henrique de Melo x 11 Milhões — às 12 horas — Juiz: Rêmo F. C. Juvenil E. C. Cruzeiro do Sul x Unidos de Osvaldo Cruz — às 10 horas — Juiz: América Mirim. Adelaide F. C. x América Mirim — às 11 horas — Juiz: Cruzeiro do Sul. Juiz: 11 Milhões.

REUNIAO GERAL

Na reunião geral dos representantes de clubes que participam do torneio realizada na última tarde, foram tomadas as seguintes decisões: 1.ª — Alteração no artigo 10.º do regulamento do torneio que mandava aplicar a multa de 20 cruzeiros ao clube que deixasse de sair para o compromisso. A multa aplicada será, agora, de 20 cruzeiros. 2.ª — As inscrições de atletas só serão permitidas até o final do 1.º turno. 3.ª — Ficou decidido que o atleta que atuar por um quadro, não poderá jogar mais no torneio.

Mais de Mil Motoristas À Beira do Desemprego

Vergonhosa negociata entre o prefeito e os proprietários de "empresas" de lotações ameaça lançar à miséria os motoristas autônomos — Impedidos de emplacar seus carros — Dulcídio Cardoso engaveta os requerimentos — Miseravelmente explorados por empresas-arapucas os motoristas "agregados"

Antes de 1951, os motoristas possuíam de um auto-lotação não tinham direito a trabalhar. Eram obrigados a se integrar nas empresas, pagando para isso luvas sempre superiores a 10 mil cruzeiros e uma mensalidade de 600 cruzeiros.

No entanto, com a promulgação da lei 668, conquistaram aquele direito, burlando agora pelo prefeito Dulcídio Cardoso de forma escandalosa. Os motoristas autônomos não estão conseguindo emplacar seus carros em virtude da determinação do prefeito nesse sentido. Enquanto isso, as empresas de ônibus conseguiram emplacar todos seus veículos, sem submeter à necessária vistoria. Vejamos qual a finalidade destas medidas tomadas pelo atual ocupante do Palácio Guanabara.

EMPRESAS SEM CAPITAL

Existem no Rio de Janeiro cerca de 2.400 auto-lotações. Cerca de 1.000 são autônomos. Dos restantes 1.000 pertencem a motoristas agregados às empresas na forma já citada: 10 mil cruzeiros de luvas e 600 cruzeiros mensais. O lucro deve ser estranhamente alto para um motorista, podendo trabalhar sozinho, vale pagar às empresas quantias tão grandes. A explicação é a seguinte: as empresas têm dinheiro e conseguem muito mais facilmente a concessão das linhas. Daí o

avultado número de motoristas agregados. E, escusado se dizer o grande negócio que isso constitui para as empresas. Algumas de



No clichê, a comissão de motoristas que esteve em nossa redação protestando contra a medida absurda tomada pelo prefeito.

las, como a Real e a «Nobre & Carvalhos» não têm nenhuma lotação. Apenas exploram os «agregados». A «Real», que explora a linha «E. Ferro-Leblon», reúne 23 carros. Cobra, portanto, dos 23 motoristas nada, menos de 13.800 cruzeiros. E de «luvas» deve ter recebido nada menos de 230.000 cruzeiros. Uma gorda marmelada, como se vê, conseguida à custa das dificuldades opostas aos motoristas autônomos.

PREFEITURA DE NEGOCIATAS

Quando um motorista agregado quer sair da empresa, encontra toda sorte

tiveram, ontem em nossa redação, declararam-nos que pretendem realizar dentro dos próximos dias uma passeata pelas ruas da cidade



Em sinal de protesto contra as absurdas pretensões do prefeito.

E na próxima reportagem apresentaremos mais alguns detalhes sobre essa vergonhosa negociata.

de empelinhos, seja do Departamento de Concessões ou em qualquer outra repartição da Prefeitura, transformada em defensora das empresas de lotação. Mesmo assim, o número dos que se libertavam daquela espécie de escravidão vinha aumentando continuamente. Veio então o golpe do Prefeito, proibindo o emplacamento para os motoristas autônomos. Lucram com isso empresas como a Excelsior, de cujos 72 carros, apenas um lhe pertence. Poderá continuar ganhando 42 mil cruzeiros mensais sem empregar um centavo sequer de capital.

Mas há o outro lado da questão. E o caso dos mil motoristas autônomos que ficarão desempregados ou se integrarão nas empresas, caso seja mantida a proibição do emplacamento. Cada um terá que pagar às empresas 10 mil cruzeiros de luvas para poder trabalhar. Vê-se portanto, que com a concretização da medida tomada pelo prefeito, as empresas ganharão dos 1.000 motoristas cerca de 10 milhões de cruzeiros. E sem dúvida alguma isso compensará o que «escoregim» para conseguir a proibição.

DULCÍDIO DESMASCARADO

O interessante de tudo isso é que a medida do prefeito fere frontalmente a Lei Municipal 666, que concedeu aos motoristas autônomos o direito de trabalhar. Provavelmente alertado sobre isso, Dulcídio Cardoso já está preparando uma mensagem para enviar à Câmara de Vereadores, derrubando a referida lei. Quer assim legalizar a negociata.

Enquanto isso, vai reter os requerimentos e cessão feitos por motoristas autônomos.

João Mariano de Almeida requereu licença ao Departamento de Concessões há 3 meses. Com parecer favorável, o processo foi à Secretaria Geral de Viagem e Obras, daí saindo também com parecer favorável para o Gabinete do Prefeito. Enquanto isso João está pagando prestações de lotação de 15 mil cruzeiros mensais. Sem poder trabalhar, já está atrasado em duas prestações e ameaçado de perder o carro.

Nove motoristas que es-

Aos poucos vão sendo divulgados alguns fatos sobre as especulações no mercado do café que bem demonstram a posição do governo no caso, como principal elemento fomentador da alta. Ainda agora vem a público a transição feita pela Comissão de Financiamento da Produção, responsável em grande parte pela elevação brusca dos preços no mercado interno, logo após a suspensão do controle americano sobre os preços do café.

Esta comissão atende expressamente às ordens do sr. Horácio Lafer, ministro da Fazenda. E a sua última transação trouxe como consequência a elevação das cotações de produto em benefício das grandes tubarões do mercado. Como se sabe, a cotação do café vinha se mantendo por muito tempo em torno dos 194 cruzeiros para os 10 quilos do tipo 4, café de exportação. Em poucos dias a cotação subiu para 230 cruzeiros, passando ao mesmo tempo o café tipo 1, que é distribuído no mercado interno, de 173 para 192 cruzeiros. Tal aumento, desculpado com a suspensão do preço teto, foi de fato possível unicamente depois que a Comissão de Financiamento da Produção resolveu vender nada menos de 300 mil sacas na base de Cr\$ 206,00.

NEGOCIATA ESCANDALOSA

Esta é uma negociata tão escandalosa como a do algodão, feita também pelo sr. Horácio Lafer, de parceria com Jaffé e outros tubarões. Há tempos vinha o café sofrendo cotações «fritacas». Os exportadores deixaram de enviar o produto para o exterior, onde havia acentuada tendência para a baixa. Para não deixar que o café diminuísse de preço, o governo determinou que a Comissão de Financiamento da Produção começasse a adquirir café no porto de Santos, principalmente. Assim, a tal Comissão fez um grande estoque, de cerca de 300 mil sacas. Entregou, desse modo uma grande fortuna aos negociantes de café, que estavam com o produto praticamente encolado e sujeito à desvalorização. Fica, portanto, bem claro o começo da negociata: o governo, por intermédio da Comissão de Financiamento, protegeu os tubarões, abrandando as portas do Banco do Brasil. O café foi adquirido a fim de que os preços continuassem a ser mantidos pelo menos aqui no Brasil, em níveis elevados.

Essa, a primeira fase da negociata. Vem depois o capítulo da suspensão do controle dos norte-americanos sobre os preços em Nova York. O governo dos Estados Unidos resolveu suspender o preço-teto, que era ansiosamente esperado pelos tubarões do mercado. Consequen-

Com uma partida de quase meio milhão de sacas, os tubarões privilegiados puderam forçar a alta, isto somente foi possível, frisamos, depois que a Comissão abriu mão de seu estoque. Imediatamente os preços começaram a se elevar e a cotação do tipo 4, em Santos, foi a 230 para os 10 quilos. Os beneficiados com a transação, logo em seguida, puderam construir de um lucro de 24 cruzeiros em cada 10 quilos de café.

O lucro final será de aproximadamente 45 milhões de cruzeiros. Além desse aspecto, a negociata proporcionou a saída de uma grande quantidade de dinheiro do país para o exterior, através da compra de café para o consumo brasileiro e do catenismo e da especulação. Há, contudo, um outro aspecto ainda mais escandaloso da negociata. O lucro como dissemos será para os que ficaram com o café da Comissão de Financiamento de aproximadamente 45 milhões de cruzeiros. Esse será o lucro teórico, vamos dizer. Mas há ainda outra espécie de lucro proporcionado pelo comércio de café, os privilegiados tiveram um crédito «respondente em dólares nos Estados Unidos». Como o cruzeiro foi desvalorizado e um dólar já está valendo 44 cruzeiros, os lucros reais dos tubarões serão quase triplicados.

PARAÍSO DAS NEGOCIATAS

Como vemos, o governo é o primeiro a proporcionar negociatas, possibilitando aos especuladores armar golpes. E é no final de contas o povo quem paga todas as consequências, pois que a deus que vai o dinheiro necessário ao desenvolvimento das transações. Este capítulo do café em nada fica a dever ao escândalo do algodão. E o mais interessante é que apenas os mesmos senhores que fizeram um armazém e outro,



A «bica» da favela nunca funcionou. No entanto, agora, os moradores da Praia do Pinto não encontram água, nem mesmo nas ruas graníticas do Leblon. A jovem do clichê, como último recurso, dirige-se à Gávea, empunhando um pesado barril

O Flagelo da Sêca Envolve a Cidade

A terrível situação provocada pela falta d'água permanece inalterável — Vazia a represa dos Macacos enquanto a da Tijuca teve o seu abastecimento reduzido a uma quarta parte

A população sofre indigna da flagelo da falta de água. A «sêca» estende-se por todos os bairros da cidade, da zona norte à zona sul. Os dias se sucedem sem que surja uma providência concreta que venha amenizar a catastrófica situação. O carro-cavalo adente os últimos dias de verão sem que possa se valer da água, há muito desaparecida das torneiras. Os reservatórios da cidade continuam a receber um

abastecimento precário e insuficiente das represas da Prefeitura enquanto uma grande porção de água perde-se pelas adutoras e outros condutos em mau estado de conservação.

NA ZONA SUL

O suplicio ocasionado pela falta de água permanece inalterável. O reservatório dos Macacos, um dos mais importantes, da cidade, continua seco, sem atender aos baixos de Leblon, Jardim Botânico e parte da Gávea. Segundo nos informou o Departamento de Águas das zonas anteriormente servidas por aquele reservatório estão recebendo um suprimento da represa de Silveira e do Morro da Vuva. Todavia os moradores dos bairros aludidos particularmente os do Leblon, estão reclamando diariamente a falta de água. Não sentindo centenas de reclamações vêm sendo dirigidas ao serviço de águas pelos moradores das ruas Dias Ferreira, Ataulfo de Paiva, Rainha Guilhermina, Princesa Isabel etc.

O flagelo continua, igualmente, envolvendo o Fluminense e toda a extensão da rua do Catete e transversais. As ruas Corcova Dutra, Silveira Martins, Barão de Guaratiba, Pedro Americo, e Santo Amaro apresentavam na manhã de ontem o mesmo aspecto, com donas de casa, crianças e rapazes inclinados sobre os registros da Prefeitura, buscando água inutilmente.

A ZONA FLAGELADA

A «sêca» na zona norte, por prolongada, já se tornou permanente. Os moradores

dos bairros da Tijuca, Engenho Velho, Estácio, Mangueira e a maioria absoluta dos subúrbios enfrentam o flagelo, agravado agora pelo abastecimento insuficiente das represas da Tijuca e Engenho de Dentro. As filiais de latas e panelas se sucedem pelas calçadas. Na rua São Francisco Xavier, na altura do número 445 o rompi-meiro de um conduto de água da represa da Tijuca veio prejudicar ainda mais a situação, tornando a «sêca» total. Outros bairros que se prolongam pela Av. Vinete e Quatro de Maio e Av. Suburbana sofrem igualmente com o flagelo, continuando as torneiras sem um pinga de água.

TUDO COMO DANTES

O Departamento de Águas da Prefeitura se mantém alheio ao drama da população, secando, sem água, limitando-se a informar que a situação vai «ser resolvida no prazo de 20 meses». Enquanto isso o carro-cavalo enfrenta a terrível situação agravada pelo sistema precário do abastecimento com suas arruinadas adutoras. Não há esperanças de melhoria da distribuição de água principalmente por que os próprios reservatórios mais importantes e de Macacos e o da Tijuca estão praticamente secos. O da Tijuca, por exemplo, que normalmente tem um volume total de água calculado em 20 milhões de litros, está reduzido a apenas 5 milhões. Por isto e por outros motivos tende a piorar, o que sem dúvida é calamitoso em face do calor abrasante dos últimos dias do verão.

Esgota-se o Praso Dado Pelos Médicos

Vargas deverá tomar alguma medida concreta até o dia 25 — Cerca de 14.000 médicos prepararam-se para a Jornada Nacional de Protesto — Assembleia Geral da AMDF na ABI, no dia 26

Termina no próximo dia 25 o prazo fixado pelos médicos ao governo. Caso até esse dia o sr. Vargas não tome uma medida concreta para atender às reivindicações dos médicos do serviço público, a Associação Médica Brasileira decretará a greve geral em uma Jornada Nacional de Protesto.

Cerca de 14.000 médicos que servem ao Estado, nas repartições federais, paracetais e autarquias, reclamam e suas equipagens aos seus colegas do Distrito Federal e de São Paulo, ou seja, sua desestruturação no padrão de

com o pagamento de adicionais e quinquênios. Há três anos que o projeto 1.052-50 que atende a essa reivindicação está arquivado na Câmara Federal.

PROTESTO

Membros da diretoria da Associação Médica do Distrito Federal estiveram sexta-feira em Petrópolis como convidados da Sociedade Médica local, onde assistiram a reunião que aprovou a atuação daquela entidade à Associação Médica do Estado do Rio de Janeiro.

Essa reunião teve ocasião o apoio dos 50 médicos de Petrópolis à Jornada de Protesto.

to, que se realizará no dia 31. O Professor Ernirio de Lima, acompanhando do secretário geral da AMDF, dr. Cunha Melo, esteve em visita aos hospitais do Norte, trazendo a notícia de que aderiram integralmente ao movimento de reivindicação os médicos de Pernambuco, Ceará, Bahia e Minas Gerais.

Do Rio Grande do Sul, a AMDF recebeu um convite para que envie para ali um membro de sua diretoria, a fim de transmitir experiências, pois os médicos cariocas já têm o exemplo da Jornada de Protesto, realizada no

PARALISAÇÃO GERAL

Nos últimos dias o entusiasmo pela Jornada de Protesto vem se traduzindo pelas reuniões de médicos nos locais de trabalho e consultório. Os médicos do IAPETC decidiram em uma dessas reuniões participar no movimento, paralisando os trabalhos como em dias de feriado. A greve será deflagrada de maneira a não prejudicar os doentes, ficando nos hospitais apenas um plantão como nos domingos. Todos os médicos deixarão de trabalhar, inclusive os empregados em empresas particulares e os que têm consultórios próprios.

ASSEMBLEIA DA AMDF

A Associação Médica do Distrito Federal está convocando todos os seus associados para uma Assembleia Geral a ser realizada na ABI no próximo dia 26, às 21 horas, quando serão tomadas as medidas necessárias, caso até lá Vargas não tenha tomado nenhuma medida.

O que aconteceu NA CIDADE

Assassinaram o Prestamista

Morto pelas Costas — Capotou o Caminhão — Acidentado o Pingente — Incendiou o Corpo — Punguista Preso — Bicicleta x Automóvel

O vendedor ambulante Manoel Pinto Guerra, de 21 anos, solteiro, residente à rua Santa Cruz, 816, casa 2, quando passava pela estrada de Inhoaíba, foi assaltado por dois desconhecidos. Os assaltantes, armados de revólver, obrigaram-no a entregar toda a mercadoria, constante de 18 camisas, 8 calças de brim e várias camisas, tudo no valor aproximado de 4 mil cruzeiros.

ASSASSINADO PELAS COSTAS

No interior do Café Moderno, situado na Avenida Suburbana, número 3205, verificou-se uma estúpida cena de sangue. Três desconhecidos penetraram no estabelecimento e, após beberem bastante, começaram a brigar. Como esta apresentação uma diferença de 10 centavos, os desconhecidos chamaram o proprietário do bar, sr. José Gomes Pinto e, com ele, passaram a discutir violentamente. Serenados os ânimos, José encaminhou-se para um lavatório, quando um deles apançou de um revólver e o atirou na altura do estômago. O comerciante teve morte instantânea, e os desconhecidos fugiram em desabalada corrida.

CAPOTAGEM DE UM CAMINHÃO

Na Praça 15 de Novembro, ontem, o caminhão chapas 38-16 — Nitroel e 65-535 — D. Federal, capotou espetacularmente ao tentar fazer uma curva naquele logradouro público. O veículo estava carregado de mercadorias e a derrubada total, ficando o local cheio de garrafas quebradas e melado de gazolina. O motorista conseguiu evadir-se, e seus ajudantes saíram ileso.

ACIDENTADO O PINGENTE

Oleto Teixeira de Souza, de 50 anos de idade, residente à rua Cacequi, número 202, viajava como pingente num bonde e caiu quando este trafegava pela Avenida Presidente Vargas. Em consequência sofreu esmagamento do pé esquerdo. Transportado para o Hospital do Pronto Socorro, ali ficou internado.

INCENDIOU O COIÃO

Georgina de Souza Miranda,

de 16 anos de idade, por motivos ignorados tentou descer da vida em sua residência no Morro do Sobrinho, barracão sem número. A trelôca menor embeceu às vestes em quozene e ateou fogo, sotrendo queimaduras de 1.º, 2.º e 3.º graus. Está internada em estado grave no Hospital Miguel Couto.

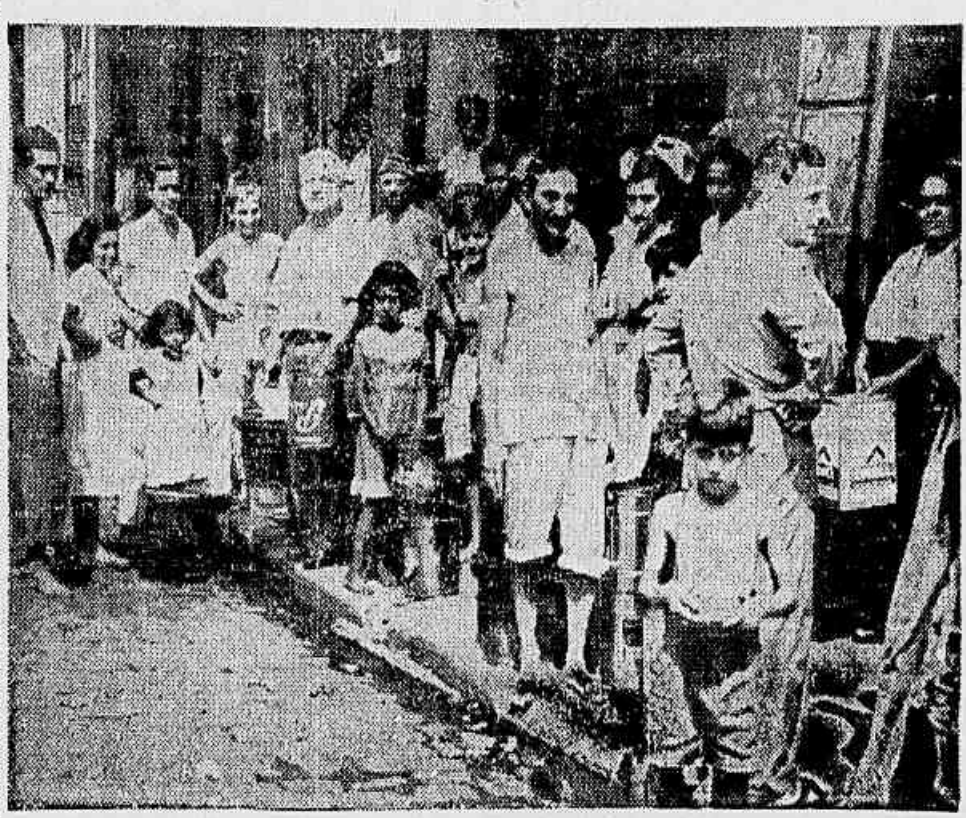
PUNGUISTA PRESO

Antônio Custódio Ribeiro, residente à rua Iporé, viajando espremido num trem da Central do Brasil, de volta do trabalho, quando dele se aproximou José dos Santos Rodrigues. O trem balançando, os passageiros batendo uns de encontro aos outros, nada mais natural que José dos Santos Rodrigues também batesse de encontro a Antônio custódio Ribeiro. Mas, no lado, um soldado da Polícia Militar assistiu que José retirasse a carteira do bolso de Antônio. O punguista foi preso.

BICICLETA x AUTOMÓVEL

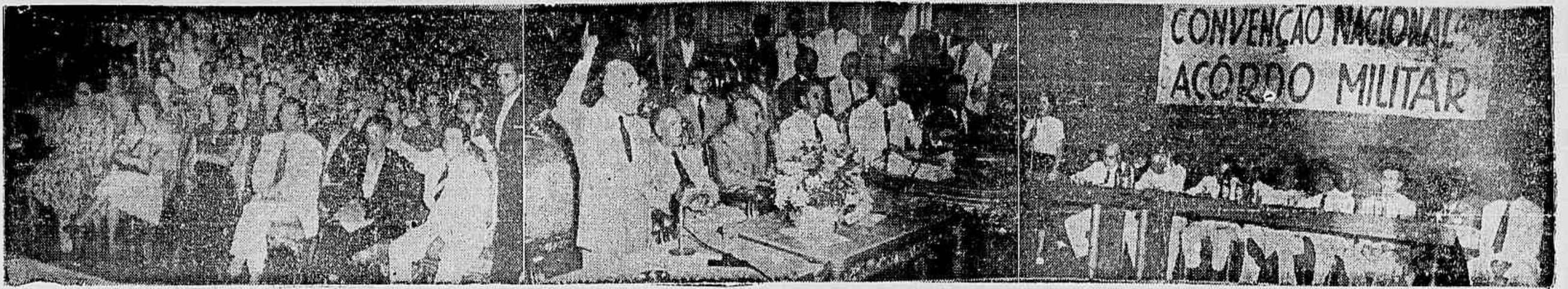
Osmar Rodrigues de Souza, 16 anos, solteiro, residente à Avenida Niemeyer, 550, quando pedalava uma bicicleta de sua propriedade, na contra-mão da Avenida Nossa Senhora de Copacabana, colidiu com o automóvel, chapa particular 3-7-81, guiado pelo motorista Gentil Vieira dos Santos. Este, num golpe brusco de direção conseguiu evitar consequências funestas, indo, porém, de encontro ao bonde 14, «Praça General Osório».

Osmar Rodrigues de Souza, solteiro, residente à



Crianças, homens e mulheres dão um aspecto «colorido» às ruas da cidade, com suas latas e panelas em busca da água que não aparece. O terrível flagelo da sêca continua envolvendo totalmente a população carioca.

BASTA! NÃO PASSARÁ



BASTA!



QUANDO O GOVERNO E A CÂMARA CHAFURDAM NO CHARCO DA TRAIÇÃO O POVO TOMA EM SUAS PRÓPRIAS MÃOS A DEFESA DOS SUPREMOS INTERESSES NACIONAIS — UMA FRENTE ÚNICA DE QUASE TODA A POPULAÇÃO ESTÁ EM MARCHA — NO SENADO E NAS RUAS O MOVIMENTO DE MASSAS ESMAGARÁ DE QUALQUER MANEIRA, O PACTO DE GUERRA E COLONIZAÇÃO

Nos dias 14, 15 e 16 deste mês o povo, o nosso povo, deu magnífica demonstração de que está em marcha, unindo suas forças, para tomar em suas próprias mãos a defesa dos supremos interesses da Nação.

Esta bela demonstração de firmeza e unidade foi a Convenção Nacional contra o Acôrdo Militar.

Mais uma vez o governo de Getúlio traiu miseravelmente o povo tentando entregar ao imperialismo de Wall Street, através do monstruoso tratado de guerra a colonização, nosso sangue, nossa terra, nossa soberania.

Mais uma vez, esta Câmara dos Deputados, através de sua maioria de serviços dos tristes, se colocou ostensivamente contra o povo, ratificando, apesar dos protestos populares, o ignominioso pacto lanque.

“Concretizar a rejeição do Acôrdo pelo Senado ou pelo povo soberano”

O discurso do general Felicíssimo Cardoso no ato inaugural da Convenção contra o Acôrdo Militar

No ato de instalação da Convenção Nacional Contra o Acôrdo Militar Brasil-Estados Unidos, o general Felicíssimo Cardoso, presidente do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional, pronunciou o discurso que abaixo transcrevemos:

«Em momentos na vida de um povo que podem representar o passado, o presente e o futuro desse mesmo povo. Estamos vivendo um desses momentos.

Estão em jogo o nosso passado de lutas gloriosas pela independência política; o nosso presente ao lutar pela nossa independência econômica e o nosso futuro da Pátria livre e soberana.

Já que a maioria da Câmara não soube cumprir seu dever precioso — a preservação da nossa soberania — aqui estão reunidas delegações de todos os pontos do país para reafirmar ante a Nação, a América e o Mundo que não aceitamos esse Acôrdo porque somos brasileiros!

A luta pela rejeição do pacto de guerra que o imperialismo pretende impor-nos está chegando ao momento em que se torna necessária maior energia, capaz de deter a terrível ameaça que se faz sentir. E' por isso, é para balan-

cear a situação, para traçar rumos, que aqui estamos reunidos.

Senhores Convencionais, minhas senhoras, meus senhores! Saímos desta Casa levando um compromisso de honra: concretizar a rejeição do Acôrdo Militar Brasil-Estados Unidos pelo Senado, ou, em última instância, pelo povo soberano!

Não percamos de vista a grande experiência que são as magníficas campanhas ultimamente desenvolvidas em todo o território pátrio pela implantação do monopólio estatal para todas as fases da indústria do petróleo. Não nos esqueçamos do que esta capitalizou através das campanhas pela Paz e em defesa dos Direitos do Homem. Tais movimentos alcançaram, como resultado natural, esta força poderosa que é a luta contra o Acôrdo. Por tudo isso, podemos afirmar: a vontade popular será respeitada.

Está perdida a batalha patriótica contra a guerra e escravidão imperialistas?

A Convenção Nacional Contra o Acôrdo Militar foi uma clara e vigorosa resposta a esta indagação. Milhões de brasileiros, através dos delegados que ali representavam seu pensamento e sua vontade, assumiram o compromisso que tão bem formulou o general Felicíssimo Cardoso no início dos trabalhos:

«SALAMOS DESTA CASA LEVANDO UM COMPROMISSO DE HONRA: CONCRETIZAR A REJEIÇÃO DO ACORDO MILITAR BRASIL-ESTADOS UNIDOS PELO SENADO, OU, EM ÚLTIMA INSTÂNCIA, PELO POVO SOBERANO».

A batalha prossegue, em nova fase. Com maior vigor e mais organização o povo deverá bater às portas do Senado e erguer ali seu brado de protesto tão veementemente que, finalmente, aqueles que se aventuram ao crime de trair a vontade do povo terão de tremer e recuar.

O povo organizar-se-á, agora, mais rapidamente, em comitês de luta contra o Acôrdo infamante nas fábricas, nas repartições, nos navios, nas fazendas, nas escolas, nos bairros — e, em toda parte, através de todas as formas de luta, gritará sua palavra de ordem: BASTA! NÃO PASSARÁ!

E o que decidiu a Convenção. E o que sua própria realização mostrou ser, não apenas necessário, mas possível.

Sim! É possível. Quando, já neste primeiro período da luta contra o Acôrdo vemos se enfileirarem na mesma frente de luta centenas de sindicatos e federações operárias, dezenas de organizações camponesas, quase todas as entidades estudantis existentes no país, câmaras municipais, assembleias estaduais, militares de todas as patentes, várias dezenas de deputados federais e, inclusive, representantes da burguesia nacional — por que, diante desses êxitos, não se ter a certeza de que será em breve, praticamente todo o povo, unido e organizado, que estará ativamente no combate?

Tudo depende, agora, unicamente dos patriotas esclarecidos. Tudo depende de levar à prática as resoluções da Convenção Nacional.

Diretor: PEDRO MOTTA LIMA

IMPRENSA POPULAR

ANO VI — Rio, Domingo, 22 de março de 1953 — N. 1379

EDIÇÃO DOMINICAL

Um Passo à Frente na Luta Pela Libertação da Pátria

A Convenção Nacional Contra o Acôrdo Militar expressou a vontade de paz do povo brasileiro e a sua decisão de opôr-se, por todos os meios, à colonização de nossa terra pelo imperialismo americano — Todos os setores profissionais, desde os trabalhadores das fazendas de café aos portuários do R. G. do Sul, de humildes operários a oficiais superiores das forças armadas, e camponeses aos magistrados e professores, estiveram representados na importante assembléia

«E' o próprio coração do Brasil que palpita neste momento».

Estas palavras do general Edgar Buxbaum, enfileiradas em seu discurso lido pelo coronel Sá e Benevides no ato inaugural da Convenção Nacional Contra o Acôrdo Militar, realizado no salão nobre do Legislativo carioca, a 14 do corrente, espelham a amplitude e a importância de que se revestiu aquele conclave.

Homens e mulheres de todos os quadrantes do país, incluindo boa parcela de jovens estudantes e

operários, trouxeram para a assembléia, como se vêria, depois, no curso das sessões plenárias, a experiência de cada um de seus grupos profissionais e, em seu conjunto, a de uma imensa coletividade esclarecida, fruto do desenvolvimento de toda uma campanha que constitui um passo à frente na luta pela nossa emancipação política e econômica.

E justamente por isso tinha razão mais uma vez o general Buxbaum: «O rio caudaloso da opinião pública vencerá as forças do ódio e da opressão».

De fato, o admirável espetáculo cívico a que assistimos, há poucos dias, outra coisa não significou senão a certeza de que o povo triunfará sobre os inimigos de sua liberdade, de seu progresso e de seu bem-estar.

O GRANDE TRAÇO DE UNIDADE

Oitenta e quatro delegados, agora os do Estado, do Rio, vieram do interior para a Convenção. Pertencentes aos mais diversos matizes ideológicos e partidários, nem por isso deixaram de entender-se fraternalmente, ligando-se pelo traço comum do patriotismo na hora decisiva em que todos são chamados a lutar para impedir a submissão de nossa terra a uma potência estrangeira, no caso os Estados Unidos, conforme resultaria da aplicação do Acôrdo Militar.

A composição dessas delegações caracterizou a extensão e a profundidade atingidas pelo patriótico movimento. Seus integrantes representavam todas as camadas sociais: oficiais superiores das

três Armas, parlamentares, magistrados, professores, engenheiros, industriais, comerciantes, médicos, advogados, universitários, alunos de escolas secundárias, camponeses e operários.

Essa distinção poderia indicar uma fisionomia heterogênea ao congresso. Realmente, um venerando mestre de gerações, pro-

fessor Eusnio Lavigne, da Bahia, teria que falar de modo diferente que um proletário, como Erivaldo Vaz, presidente da Associação dos Portuários da capital do Rio Grande do Sul. Cada um expendia conceitos a respeito do «Acôrdo» sob o ponto de vista dos problemas específicos que os preocupam. Conclui na 2ª página

Cotizaram-se os portuários de Rio Grande para mandar o seu delegado à Convenção

Des delegados gadechos à Convenção, dois foram portuários: Erivaldo Vaz e Adão Quevedo, este designado pelos trabalhadores das docas da cidade do Rio Grande, a cidade das gloriosas jornadas populares contra a carestia, pela paz e o progresso.

O delegado portuário não tinha recursos para custear sua viagem ao Rio e sua estada durante a Convenção. Alguém teve a ideia de uma lista para angariar dinheiro, e logo começaram a aparecer as assinaturas. A lista, depois de algumas horas, estava arranjada.

Quevedo participou de todos os trabalhos da Convenção. Disse, na assembleia, do sofrimento de seus companheiros, do insupportável custo de todos os bens de primeira necessidade, da bandeira da independência nacional, latando, agora, contra o

tratado de escravidão — e voltou com a garantia de que a luta dos trabalhadores de Rio Grande encontra a mais ampla ressonância no seio do proletariado do país inteiro, assim como entre todas as camadas progressistas de nossa terra.

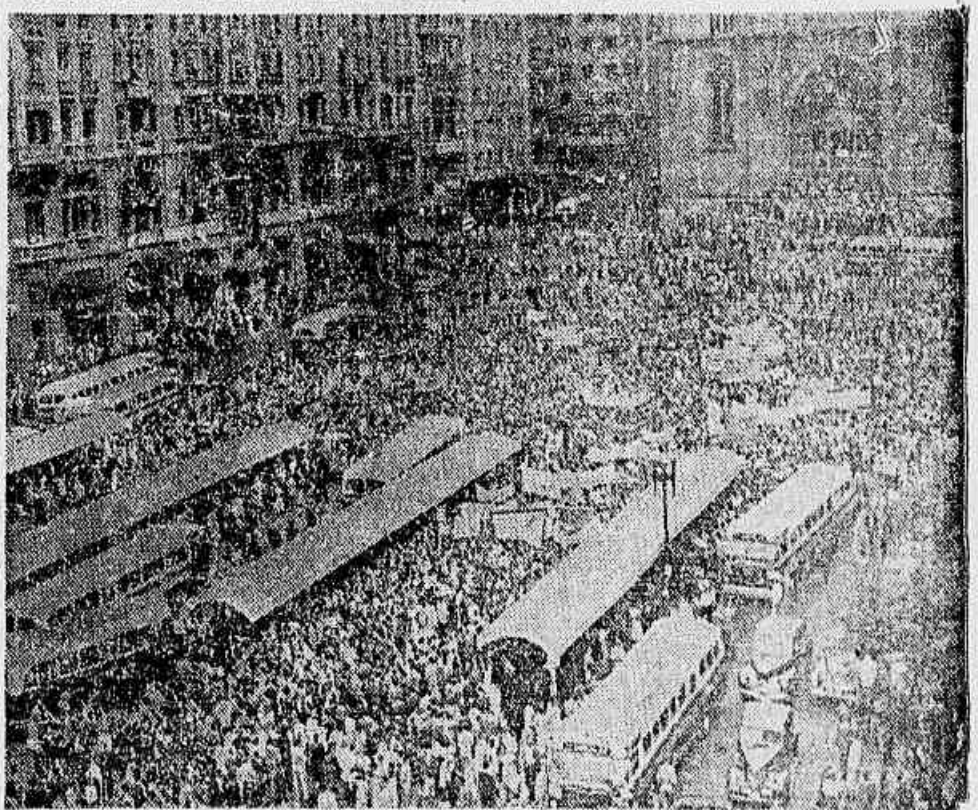
O jovem operário veio também acompanhado pela Associação Profissional dos Trabalhadores em Serviços de Utilidade Pública de Rio Grande, cuja mensagem de apoio à Convenção diz, a certa altura:

«Aproveitamos a oportunidade para protestar pela restrição à liberdade de opinião dominante no Estado e, particularmente, em nossa cidade, onde todos os atos públicos são proibidos com grande aparato bélico. Mas o sentimento popular é generalizado contra o Acôrdo de submissão e guerra».

ASSIM SERÁ...



Duzentas mil pessoas ganharam as ruas de São Paulo, na última semana, numa grandiosa manifestação contra a carestia da vida, contra o racionamento de energia elétrica, contra a política de fome, de guerra e submissão ao imperialismo americano realizada por Vargas. A manifestação foi, também, contra o Acôrdo Militar. Em cartazes e discursos vigorosos o povo protestava indignadamente contra o monstruoso pacto lanque.



Esta manifestação é um exemplo: um exemplo do que deve ser, do que será, a luta do povo contra o Acôrdo de guerra. A luta de massas que fará em pedaços o pacto infamante e fará morder o pó da derrota os seus infâmes defensores.

Os Camponeses Estão Também na Luta

De São Bento, no município de Duque de Caxias, no Estado do Rio, chegou à Convenção uma mensagem da qual extraímos o trecho abaixo: «Os lavradores da Baixada Fluminense, por sua entidade de classe manifestam perante essa salutar e patriótica Convenção a revolta causada no meio dos lavradores contra a assinatura por parte do nosso governo do famigerado Acôrdo «Brasil Colônia dos Estados Unidos».

Assina a mensagem o sr. Manoel Escobar Sobrinho, presidente da Cooperativa Agro-Pecuarária de São Bento Ltda. Essa manifestação vem se juntar às manifestações dos camponeses das fazendas de café do Espírito Santo e de São Paulo, dos plantadores de algodão na Alta Sorocabana — enfim, de milhares de trabalhadores do campo em todo o país, que se tem levantado contra o pacto de guerra e colonização.

O PERIGO DO ACORDO MILITAR



Últimos dias de dezembro de 51: O embaixador dos Estados Unidos, Hershel V. Johnson, procurou o Ministro do Exterior do Brasil, João Neves da Fontoura.

Então, o sr. João Neves da Fontoura conversou com o senhor Getúlio Vargas, o qual concordou com tudo aquilo que estava escrito.

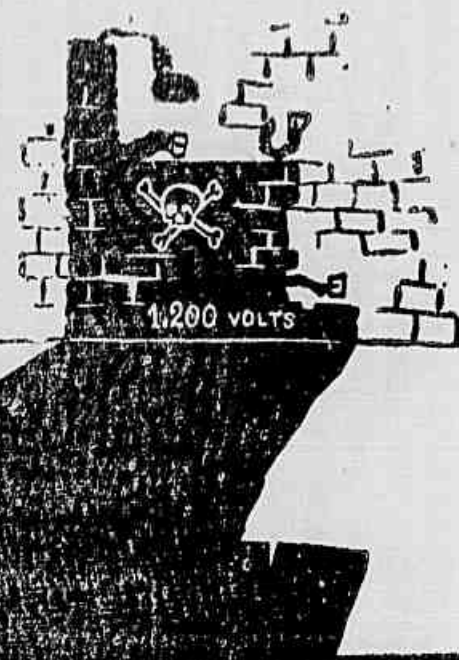


Mais tarde, o Ministro do Senhor Getúlio Vargas e o Embaixador norte-americano assinaram no Itamaraty o documento do Acordo Militar, e no mesmo dia 15 de abril de 1952, o senhor Vargas enviou o acordo aos deputados federais para ser aprovado.

Na Câmara Federal, o acordo foi logo posto sob regime de urgência. Mas o Dep. Hélio Cabal, da Bahia, relator da Comissão de Finanças, depois de estudá-lo, viu a necessidade de publicar um quadro das obrigações que o Brasil teria que cumprir caso o acordo fosse aprovado.



E o nosso país? — Sim, o nosso país deveria cumprir 22 obrigações. Vinte e duas obrigações, cada uma delas mais trágica do que a outra, para nosso povo. É a primeira delas: a entrega da nossa soberania ao Brasil das leis norte-americanas. A lei de segurança mutua de 1951 e a lei de segurança mutua de 1951. Essas duas leis estavam subordinadas a outras leis norte-americanas. Com a aprovação do Acordo Militar o Brasil passaria a ser governado pelas leis norte-americanas.



Um passo à frente

(Conclusão da 1ª parte.) Retratando, suas intervenções, marcadas por um extraordinário senso de oportunidade, levavam ao mesmo raciocínio, conduzia a mesma condenação das cláusulas repulsivas do tratado criminoso, concluíam considerando que a ratificação do aviltante documento traria a ruína completa à nossa economia, a alienação de nossa soberania, o derramamento do sangue de nossa mocidade nas aventuras guerreiras do imperialismo americano.

A VOZ DO JUÍZ E DO PROLETÁRIO

Assim foi toda a Convenção. Em cada sessão plenária, novos oradores ocupavam a tribuna. Ao lado do juiz Osny Duarte, denunciando a monstruosidade jurídica que é o "Acordo", por violar frontalmente nossa Constituição e ferir o texto da Carta das Nações Unidas, um trabalhador, com a credencial de porta-voz de trinta Sindicatos e três Federações, assinalava que o pacto escravagista iria trazer mais miséria e mais fome para o povo.

A igual tempo, o Odete Saldanha, do Rio Grande do Sul, proclamava o acerto das mãos que deixavam o lar para vir às ruas defender a vida de seus filhos, que o malfadado convênio entre o Catete e a Casa Branca transformaria em bucha para canhão. Outra mulher, a paulista Adoracion Sanchez, lembrava a todos o exemplo heroico de Elisa Branco ao destrair o Vale do Anhangá, numa parada de 7 de setembro, a nunca esquecida frase: "O Brasil não é para a Coreia!". E ainda o enviado da Comissão Contra o Acordo, da União Nacional dos Servidores Cívicos, mostrava que as reivindicações do funcionalismo estavam relacionadas à luta pela diminuição das despesas militares.

O TRABALHO DAS SUB-COMISSÕES

Trabalho dos mais importantes foi o das quatro Sub-Comissões encarregadas de estudar as teses e elaborar, à base delas, as resoluções do concílio. Essas sub-comissões, após vivos debates, ofereceram, cada uma, fundamentado relatório, em que ressaltam, por exemplo, os aspectos do "Acordo" que retiram as nossas forças armadas seu caráter nacional, submetendo-as a um comando estrangeiro, e põem sob controle dos monopólios ianques toda a nossa economia, particularmente nossas riquezas minerais.

A Sub-Comissão que analisou o pacto sob o ângulo jurídico esposou o parecer, já conhecido, da Conferência Continental de Juristas, demonstrando sua inteira inconstitucionalidade, inclusive com a vigência entre nós de leis norte-americanas.

INTENSIFICAÇÃO DO MOVIMENTO

Quando a organização da campanha contra o Acordo Militar, o órgão incumbido do assunto traçou um largo programa de ação do qual consta a instituição do "Mês de Resistência", destinado a intensificar o movimento no período de 21 de março e 21 de abril, quando todos os democratas se devem lançar resolutamente

a tarefa de garantir o triunfo da causa patriótica.

A EXPERIÊNCIA DA LUTA NO INTERIOR

O êxito da Convenção não se deve só, ao espiadado trabalho levado a efeito em suas reuniões. O seu fator principal vem de antes, dos atos preparatórios de sua realização, do que se fez nas cidades do "interior" de São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Goiás, Espírito Santo, Pernambuco, Estado do Rio, Amazonas, Santa Catarina, Pará, Bahia, Alagoas, em toda parte, enfim. Podemos citar alguns exemplos desse trabalho: em Colatina, no interior capixaba, os trabalhadores das fazendas de café promoveram palestras contra o Acordo Militar, numa das quais obtiveram mil e duzentas assinaturas para um memorial de protesto; em Morro Velho, dois mil mineiros expressaram seu repúdio à carta de escravização nacional; o povo de Andradina ganhou as ruas na mais vigorosa demonstração de massa já verificada ali. Outras manifestações se processaram em todo o país, levando, inclusive, ao pronunciamento de duas Assembleias Estaduais — de Pernambuco e do Pará — e de dezenas de Câmaras Municipais, contando-se entre elas as dos centros mais adiantados, como Distrito Federal, Recife, Porto Alegre, Olinda, Vitória e João Pessoa.

A AÇÃO DOS PARTIDÁRIOS DA PAZ

Nesta capital, os preparativos da Convenção foram bastante significativos. O Movimento Carioca Pela Paz teve a iniciativa de inúmeros atos públicos e reuniões festivas nos bairros e subúrbios, assembleias e mesas-redondas, para esclarecer o povo sobre o perigo para nossa pátria contido no Acordo Militar.

Organizaram-se "comandos" para visitar casa por casa e coletar diárias de firmas para os memoriais à Câmara Federal.

E de destacar o carinho com que eram recebidos esses "comandos", essas visitas. Muitas mães de família ignoravam até que houvesse um Acordo Militar. Então, o partidário da paz conversava com elas, lia para elas trechos do tratado, apontava-lhes o risco que corriam seus filhos ante o indecoroso colúlio militarista. E, ao fim das palestras, convenciam-se essas mães da necessidade de também lutar contra o "Acordo".

Os operários da "Lights", os portuários e estivadores, a população da Central, da Leopoldina e do Sertão Carioca tiveram atuação de relevo nessa mobilização.

VITÓRIA DE TODO O POVO

Foi, dessa maneira, numa atmosfera de patriotismo, organização e unidade, com a participação ativa das grandes massas, que a Convenção Nacional Contra o Acordo Militar Brasil-Estados Unidos chegou ao seu término plenamente vitoriosa.

Vitória de todas as forças progressistas, vitória de todo o povo em seu caminho para um futuro de paz, felicidade e progresso,

En trica das armas que seriam passas por nós, e que seriam entregues aos E. U. A., o Brasil também se compromete a aceitar: (1) todos os oficiais que o White House de Washington mandasse para o Brasil. Ficaria assim estabelecido o que o Acordo chamava de "Academia Militar". Os oficiais norte-americanos seriam imuneis diplomáticos, e não poderiam ser julgados por juízes brasileiros, e teriam outros privilégios, e as negociações ficariam de colher para os oficiais norte-americanos, que não poderiam imputar a ninguém os delitos que eles cometessem, nem em seu país. E o povo brasileiro tem de pagar tudo isso aos oficiais norte-americanos que estarão à guisa de mentes brasileiras.



E a mais trágica de todas! O Acordo Militar impunha ao povo brasileiro o envio de moças para a guerra no momento em que o governo norte-americano quisesse. (Vocês sabiam que os norte-americanos enviavam cerca de 800.000 litros de sangue aos soldados ianques na Coreia? As mães brasileiras sabem também que o frio na Coreia chega a 40 graus abaixo de zero e que os soldados morrem com seus braços e suas pernas congelados e congelados pelo frio!)



AGUÇA-SE A BATALHA ANGLO-AMERICANA POR MATERIAIS E ZONAS DE INFLUÊNCIA

Escreve Pedro MOTTA LIMA

BUENOS AIRES, (por via aérea) — Daqui de fora de nossas fronteiras e em face do desenvolvimento da batalha travada entre os Estados Unidos e a Inglaterra por materiais estratégicos, matérias primas em geral, mercados e zonas de influência, compreendemos com maior clareza um dos objetivos principais do Acordo Militar Brasil-Estados Unidos: isolar, ainda mais o nosso país da Grã-Bretanha, da França, da Itália, da Bélgica e demais aliados que antes da segunda guerra mundial mantinham ativo comércio conosco.

A campanha anti-comunista e anti-soviética, as alegações repetidas por um João Neves da Fontoura de que a resistência dos patriotas brasileiros àquele tratado colonialista para a guerra se reduz a agitação comunista. No interesse da União Soviética, não passa em grande parte de uma cortina de fumaça.

E certo que, ao dividirem o mundo em dois mercados, os imperialistas ianques imaginavam possível bloquear o campo da paz, da democracia e do socialismo. O feitiço virou contra o feitiço. Porque se o intercâmbio econômico entre os povos da URSS, da China e das demais democracias populares tem crescido constantemente, foram os trusts capitalistas, sobretudo os ianques, que saíram perdendo com aquela retirada estúpida de um mercado de 800 milhões de consumidores.

Mas no seu anseio de dominação do mundo, agulhados pela fome de matérias primas, na mais desenfreada cupidiz dos lucros astronômicos, o imperialismo do dólar inicia a organização do tão decantado mundo livre pela submissão à sua guante das nações "aliadas", grandes e pequenas. Saqueia suas fontes de materiais considerados estratégicos, trata de excluí-las dos mercados que vai acenando, penetra em sua economia através de empresas mistas ou por um avanço mais brutal e mais ostensivo em colônias e importantes ramos da produção. Querem tirar partido de movimentos nacionalistas no Oriente Médio, inflamar os "homens fortes" do tipo de Naguib para subtrair o Suez ao domínio britânico e continuar apressando a transformação do Mediterrâneo em uma espécie de lago Michigan.

Fosse ratificado o Acordo Militar — essa vergonha que o homem da rua argentino nos lança em rosto a cada passo, indagando se deixaremos de ser uma nação independente — ou permitisse nosso povo a sua aplicação, cairia nosso mercado exterior sob o monopólio dos ianques.

A que páise: afetaria em primeiro lugar uma tal situação?

Não seria à União Soviética e às Democracias Populares, das quais vivemos comercialmente separados, por força do bloqueio a que nos submetem os imperialistas norte-americanos. Mantemos precárias relações diplomáticas apenas com a Polónia. Nosso intercâmbio se reduz quase a zero, e ainda temos de ouvir em certas noites enluaradas o ulvar do senador Hamilton - Nogueira, balbando de hidrofbia ultramontana contra um mundo novo que ignora sua existência.

O Acordo Militar em aplicação significaria suspensão completa das operações de compra e venda, rompendo de uma vez os laços de amizade cada vez mais enfraquecidos com a Inglaterra, a França, a Bélgica, a Argentina, o Chile e demais nações irmãs da América Latina.

britânico se agarra com unhas e dentes às posições que ainda mantém na Argentina e no Chile. Artigos de produção alemã e japonesa reaparecem em nossos mercados. Cresce por todo o continente o sentimento anti-americano, sobretudo em face das últimas atitudes insolentes do governo de Eisenhower.

Então, por intermédio das Comissões Mistas e mais ainda com o Acordo Militar, os oelheiros de Wall Street estão visando ao pedacinho mais gordido do presunto sul-americano. Erevendo a respeito do empréstimo de 300 milhões de dólares que o Banco de Exportação e Importação nos vai fazer pagar em três anos para o imediato emulo dos exportadores ianques — logo após o assalto ao fundo do Banco do Brasil depositado em Nova York, diz o "New York Times": "Para os Estados Unidos, o Brasil é o mais importante dos países latino-americanos. Se Hitler e Mussolini não tivessem tornado odiosa a palavra, poderíamos dizer que era necessário estabelecer um Eixo norte-americano-brasileiro..."

Apesar de odiosa, a palavra Eixo é a que seduz aos sucessores dos nazistas na aventura da conquista do mundo. Pensam no Eixo americano-brasileiro, para um acordo que equivale ao do cavalo e ao do cavaleiro. Para montar nos exclusivos e dirigir-nos com rede curta como lhes parecesse melhor.

Enganam-se, porque confundem o Eixo com o governo do Brasil. Na sua já proverbial ignorância, não sabem que nossa pátria é constituída de cinquenta milhões de cidadãos que amam a paz e querem ser independentes e livres.

Lançados à aventura da carreira armamentista, os Estados Unidos esgotam rapidamente seus recursos naturais, escassos ou inexistentes já numa série de artigos de necessidade vital. Segundo declarações do secretário do Interior do governo Truman em 1951 a produção norte-

lítica entrou em crise revolucionária, as minas de estanho foram nacionalizadas, resistindo um povo patriota à dilapidação do que é seu.

Os maiores avanços do imperialismo norte-americano, portanto, não tem sido na América Latina, nem, muito menos ainda, na Coreia do Norte. Seus grandes avanços desde a segunda guerra estão sendo obtidos à custa do Império Britânico. Se, nas vésperas da segunda grande guerra a Inglaterra mantinha o controle de 51% da extração do petróleo no mundo capitalista, menos os Estados Unidos, esse controle já estava reduzido em 1951 a apenas 35%. Quanto ao imperialismo ianque, seu controle sobre o petróleo estendido fora de seu território era de 36% em 1937 e atualmente passou a ser de 55%.

Os britânicos pulam e gritam. Eles também organizaram uma conferência imperial das matérias-primas estratégicas. Mas os americanos lhes desferiram golpes duros, como os de que resultaram tremendas quedas nos preços da borracha natural e da lã, com sérias consequências na Malásia e na Austrália, respectivamente. Vieram os contra-golpes: a reunião de ministros da Fazenda da área esterlina resolveu em 1952 reduzir as importações dos Estados Unidos.

Não lhes convindo cumprir os compromissos assumidos sobre a distribuição do fluído do exército, do cobre e outros artigos, os norte-americanos recorreram ao expediente de emendar a chamada lei de produção de guerra, incumbindo-se desse golpe baixo no Senado os srs. Ferguson e Sadlak. Era a denúncia unilateral de parte do acordo firmado na Conferência Internacional de Controle de Matérias-Primas. E não é esse o estilo do governo dos Estados Unidos? Não vemos Eisenhower voltar a ar-se, à maneira de Hitler,

de rasgar tratados e acordos, quando sua execução não lhe convém?

Mas os ingleses botaram a boca no mundo. Concluímos as declarações irrefutáveis de Churchill ao chegar a Washington: — "queremos comércio livre, não escravidão...". E o "Financial Times", porta-voz da City, condenou as emendas. Ferguson-Sadlak, dizendo que elas "destruíram rapidamente esse organismo (a Conferência de Matérias-Primas), já que é difícil para seus componentes concordar com a distribuição dos materiais produzidos por eles, se os Estados Unidos se negam a atuar nesse sentido em relação às mercadorias produzidas principalmente por eles mesmos."

Para forçar a queda nos preços dos artigos que os aliados produzem, os americanos estão utilizando na Bolsa os estoques acumulados a preços vis, a título de ajuda-mão de guerra, em nome da defesa comum do hemisfério, do mundo livre, da civilização ocidental e cristã, na luta contra o comunismo...

Alguns dos principais artigos de nossa exportação, como o algodão, os óleos vegetais, a cereja de carnaúba, etc., têm sido alvejados por essa manobra baxista, usada contra nós sobretudo porque a política de guerra lanque nos isola de um mercado de 800 milhões de consumidores, compreendendo a URSS, a China e demais democracias populares.

O Acdo Militar é o principal instrumento dessa política de chantagem guerreira, de especulação mercantilista, de colonização de nossa pátria. Por isso apenas os Calabares do governo e de uma maioria ocasional no parlamento apoiam. As grandes forças patrióticas e amantes da paz, que são as decisivas, impõem a aprovação e a aplicação desse tratado indelével.

Quinhentos patriotas de Poxoréu, em Mato Grosso, sublevaram um manifesto contra o Acordo Militar. Dando ciência dessa expressiva manifestação patriótica, o sr. Joaquim Freire telegrafou ao general Edgar Buxbaum. Declara em nome dos que assinaram o documento: "Saúlamos a Convenção Nacional contra o pacto Brasil-Estados Unidos, instrumento de guerra e colonização de nossa pátria. Afirmamos nossa disposição de lutar contra o envio de nossos soldados para a guerra."

Ainda de Poxoréu, chegou à Convenção um telegrama do deputado estadual Américo do Oliveira, hipotecando inteira solidariedade ao cancelamento.

Da População de Poxoreu

E' PERIGOSO BRINCAR DE GUERRA



Sob a tenda de comando três jovens, Mickey Flarity, Butchle Tchikrines e Steinfeld consultam os mapas antes de conduzir os seus «homens» ao combate. Isto acontece perto de Myrna Avenue, Waterbury, Estados Unidos. Chamam-se «loja de guerra» e a legenda americana para esta foto o define como «agradável passatempo». Também os nazistas educavam as crianças a terem «olhos de fera».



Os «comandos» lançam-se no ataque às posições inimigas. Para que a manobra obtenha sucesso é preciso pensar que adiante os espera um verdadeiro inimigo. «Mostre-nos aos vermelhos como se luta», diz o comandante estendido em meio à grama. Isto, nos Estados Unidos, chama-se «educação da infância».



«Ta-ta-ta-ta-ta. Quantos mortos?», pergunta o artillheiro ao observador que está ao seu lado empunhando o binóculo. «Caem como moscas», responde o outro. Essas palavras terríveis, nas bocas inocentes, não causam medo. Porém, estes meninos serão homens amanhã e crescerão como a sociedade os tem feito. Amanhã, poderão atirar realmente. Portanto, são crianças a salvar.



Poderia faltar uma bela e intrépida enfermeira como nos filmes de Tyrone Power? No pronto socorro, Shirley Ann faz os primeiros curativos em Brian Griffin gravemente ferido durante as operações. Enquanto isto acontece nas proximidades de Myrna Avenue, centenas de homens morriam na guerra verdadeira e os irmãos maiores que «soldados de brinquedo» assassinavam mulheres e crianças, destituindo cidades na longínqua Coreia. Também os criminosos de guerra nazistas toram inocentes crianças como estas, também a eles, uma sociedade sem escrúpulos tinha ensinado a «brincar de guerra».

Interferência clara em nossa soberania

O deputado federal Flávio Castro, que participou de um ato público contra o Acordo Militar em Petropolis, participou da Convenção Nacional, fez as seguintes declarações a propósito do referido tratado:

— O Acordo Militar Brasileiro-Estados Unidos é, a meu ver, mexequível.

A soma das obrigações exigidas ao Brasil vai muito além das reais possibilidades de nosso país, no momento crucial que atravessamos.

Estariam, assim, em última análise, diante de um acordo em que um dos signatários assume obrigações que, de antemão, sabe não poder cumprir.

Esta circunstância, aliada a

clara e insustentável interferência em nossa soberania, tolerada em algumas das cláusulas — levanta, por um sentimento de honestidade, a recusa aprovação do Acordo.

EXIGEM DOS SENADORES

Apos a mesma reunião patriótica a que esteve presente aquele parlamentar, cento e oitenta e quatro pessoas residentes na Grande Serrana dirigiram um abaixo-assinado ao Vice-presidente da República, Sr. Café Filho, exigindo dos senadores que rejeitem, por completo, o Acordo de Assistência Militar Brasil-Estados Unidos, que atenta contra a dignidade e a soberania da nossa querida pátria.

As fotografias desta página foram distribuídas ao mundo por uma agência de notícias americana. Os nomes das crianças são verdadeiros.

Esta reportagem não é uma história casual, não é o relato de um jornalista à procura de curiosidades. «Desde o primeiro dia de escola, nos Estados Unidos, fala-se às crianças da «anti-aérea», da bomba atômica e de outros tipos de armas. Estas palavras são escritas pelo americano Earl Conrad, em um livro sobre o ensino nos Estados Unidos.

No «paraíso da civilização capitalista», as crianças são divididas em: «bons», «mediocres» e «difíceis» e aprendem lendo um cartaz que ocupa o lugar do quadro negro, através de uma espécie de binóculo de teatro. Na riquíssima América se faz isso para realizar uma economia que se tornou necessária pelo fato de que cada classe é composta de 60 a 70 alunos (para os preparativos de guerra gastam-se nos EE. UU. somas 3.500 vezes superiores àquelas para instrução pública). O resultado do método é o seguinte: mais de um milhão de crianças sofrem de graves defeitos auditivos, mais de 300 mil sofrem de outros defeitos físicos, cerca de 300 mil sofrem de epilepsia, mais de 450 mil são mentalmente pouco desenvolvidas. Segundo dados do «Departamento de Educação», nas escolas americanas mais de 3 milhões de jovens sofrem de doenças nervosas. «A coisa mais trágica — diz o livro de Earl Conrad — é que segundo as estatísticas, 85% dos jovens americanos são vítimas do, assim chamado problema escolar. Eles não recebem uma instrução boa ou suficiente por causa da falta de meios dos pais, da escassez dos mestres, de edifícios escolares, de aparelhamento escolar e do deficiente método de ensino usado nas escolas.

Em cada geração americana existem 12 a 15 milhões de analfabetos. As escolas americanas estão sendo militarizadas a tal ponto que, se continuarmos nesse passo, oficiais do exército deverão substituir os mestres». Aí esse ponto, a história guerreira de Wall Street conduziu a infâmia americana. Está o encargo dos jovens de todo o mundo acabar com esse estado de coisas. Impediu que esses nossos irmãos mais moços sejam transformados em criminosos destinados a matar e morrer.



«Daqui a pouco, atacaremos, rapazes! Bonito, né? Parece a Coreia!» No lugar, os «boys» encontraram arames farpados, tubos, achas de lenha e organizaram uma batalha em miniatura sob a chefia do irmão maior de Butchle, um ex-soldado do exército. Depois aprenderam bastante com as histórias em quadrinhos que falam dos «empreendimentos» de Mac Arthur, Ridgway e Marc Clark.

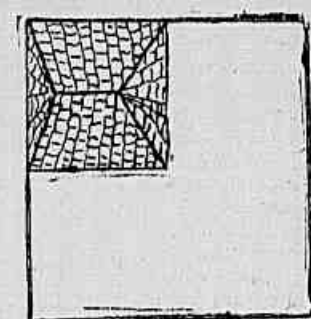


Para dar uma lição aos «vermelhos» é preciso saber transpor uma tripla barreira de arame farpado. Assim pensam os «pedagogos» d. Eisenhower. Não é o bastante difundir as histórias em quadrinhos que exaltam o crime e a violência. E' necessário, agora, que os meninos americanos sejam educados «com o espírito prático americano» para a guerra.



Esta é a Coreia: um país onde às crianças não era ensinado o «jogo de guerra». Em lugar de generais em miniatura havia engenheiros em miniatura, médicos em miniatura, operários em miniatura. Os muros da cidade traziam fotografias de homens que se distinguiram em obras pacíficas e eram esses que eram admirados, como exemplo, pelos rapazes. No verão de 1960 chegaram os representantes da «era elétrica», traziam armas muito semelhantes àquelas que vemos na fotografia. Foram rapazes como aqueles, outros rapazes americanos que o destino, segundo os propósitos de Truman ou Eisenhower, designou para dominar o mundo. Eles mataram o pai do menino que vemos na fotografia, e mataram a mãe. Depois deram-lhe um canino de verdade, perto das ruínas de sua casa e os filhos para chorar. Os soldados de Mac Arthur atirando perguntavam ao observador: «Estão os «vermelhos» a caçar como moscas» aquele respondia: «Também o pai desse menino caiu como uma moeda», e quando os militares caíram assassinados também quando todos prisioneiros, queimados vivos quando os americanos entravam na cidade. Em Incheon, em um só dia, 10.000 civis foram assassinados, mais 30 mil mortos, 1.500 mulheres e crianças. Em outro bairro, em Seul, foram violadas e trucidadas 800 mulheres. Quase todas as cidades da Coreia, com as suas escolas, os seus jardins, as suas igrejas, com os asilos, os cinemas, os teatros, todo um mundo construído para a paz e destruído por frios criminosos que no seu país foram educados a considerar justo assassinar outros homens, a considerar justo que os seus filhos «brinquem» com uma das coisas mais monstruosas da terra: a guerra. Mas já é tempo que os homens, todos os homens e também todos os jovens saibam que é perigoso brincar de guerra! Que é o maior crime preparar e desencadear a guerra. E', finalmente, tempo de cortar o passo dos corruptores da infância, aos inventários de guerra.

Responda se puder



Um negociante, cansado de morar em apartamento comprou um lote de terreno quadrado e nele construiu sua casa, que ocupava exatamente a quarta parte do terreno comprado, como mostra a figura abaixo. Na parte não construída o negociante resolveu cultivar um jardim. Como possuísse quatro filhos e desejasse estabelecer uma emulação entre os mesmos para ver qual deles faria melhor a sua parte, o negociante dividiu as três quartas partes do terreno restante entre os quatro filhos. E dividiu de tal maneira que cada filho ficou com um terreno igual em forma e em área.

Como foi feita a divisão? Tente resolver o problema e, em qualquer hipótese, veja o resultado no pé da página.

REUNIÃO INTERNACIONAL DE ESTUDANTES DE LETRAS

A Reunião internacional de Estudantes de Letras terá lugar em L y o n (França), durante as férias da Páscoa deste ano. A decisão de celebrar esta reunião foi tomada na sessão do Conselho da UIE de 1951. O Bureau Nacional de Estudantes de Letras de França sugeriu que a reunião se celebre na França. Esta proposição foi aceita pela sessão do Conselho da UIE de 1952.

de 1951. O Bureau Nacional de Estudantes de Letras de França sugeriu que a reunião se celebre na França. Esta proposição foi aceita pela sessão do Conselho da UIE de 1952.

A própria reunião determinará a ordem do dia definitiva; contudo, a UIE e a organização patrocinadora (Amicale des Etudiants en Lettres de Lyon) propõem para a discussão os temas seguintes: Métodos de formação no ensino; métodos de ensino nas escolas normais; intercâmbio de experiências; condições de vida e de estudo dos estudantes do ensino que se dediquem ao professorado, emprego segundo a qualificação; cooperação internacional entre estudantes que se dediquem ao professorado.

“Água Barrenta” e a Literatura “Regionalista”

ar o desenvolvimento social, e seu ângulo de visão não transpõe os limites de seus estreitos interesses. Ao passo que o pensamento progressista na arte é amplo e tem toda a universalidade. Constitui-se em nossa época das novas idéias e teorias do proletariado que marcha a frente de todas as camadas do povo interessadas no progresso social.

A herança cultural e artística da humanidade — as obras de um Dante, um Goethe, um Balzac — não está representada pelo pensamento conservador de sua época, mas pelo pensamento de vanguarda, pelas idéias de renovação da realidade social do tempo em que viveram seus autores. Nessas obras a realidade é transposta ao plano artístico sob a luz de uma crítica lúcida de quem se coloca ao lado das lutas do progresso social. Esta a razão primeira de sua grandeza, de sua permanência.

Só o mais desprezível fascismo ou o mais reacionário das classes reacionárias se leva a pugnar por uma arte neutra por uma cultura neutra. Isso nunca existiu nem pode existir neste mundo. A arte toma o seu caminho e o partido de seu criador.

Alcance quando este se desliga da terra e tenta embalar o vazio, a asarugão, negar a verdade e a vida, ou, ao contrário, toma o partido do obscurantismo e da conservação do que existe e, portanto, luta contra o desenvolvimento social, contra o progresso.

OS GRANDES INVENTORES

JACQUES DE VAUCONSON — O homem dos autômatos



Jacques de Vaucanson nasceu a 24 de fevereiro de 1701, em Grenoble, na França. Desde a infância, demonstrou um grande interesse pela matemática e, sobretudo, pela mecânica. Este último vocação se revelou graças às conversas intermináveis que sua mãe mantinha em sua presença, com a frequência de um conversador. Durante as mesmas, ele encontrava um passatempo apaixonante na observação do mecanismo de um relógio através de uma tampa de uma parede de madeira. Estudou tão bem este mecanismo, que conseguiu construir um semelhante sem qualquer recurso, material. Um pouco mais tarde conseguiu fazer para uma capela de crianças uma série de anjos que agitavam as asas e uma porção de padres autômatos que imitavam os padres vivos.



Não possuindo fortuna e desejando prosseguir os seus estudos, Vaucanson teve uma idéia original para ganhar dinheiro. Resolveu e conseguiu construir o «homem que tocou flauta». Era um boneco animado que soprava o seu instrumento e modificava os sons por meio do movimento dos dedos. O sucesso foi rápido. Encorajado, Vaucanson construiu um outro autômato, em tamanho natural, que, não só tocava flauta mas também tamborim. Vaucanson foi o criador de dois patos que faziam vir todos aqueles que os viam, pois os patos sabiam «flutuar» e nadar, como os seus irmãos vivos e ainda, comer, digerir e... soltar bolinhas. Esta última performance era sempre bastante apreciada pelo público. Mas Vaucanson não era somente um fabricante de brinquedos perfeitos.



Quando o Cardeal de Fleury o encarregou de inspecionar suas fábricas de seda, Vaucanson aproveitou para inventar um tear, de manuseio extremamente simples. Outras contribuições que ele deu para o desenvolvimento técnico da indústria foram: máquinas automáticas que fabricavam andas, colcheteiros, ganchos, argolas, pregos e capsulas mecânicas. Ele inventou ainda a cudeira sem fim, o diferencial e uma quantidade enorme de outras. Apesar de todos os seus méritos, criaram-lhe um sem número de obstáculos quando foi nomeado membro da Academia de Ciências da França. Os membros desta Academia reprovaram-no pelo fato de não ser um geometa. «Si eles desejam um geometa, dizia Vaucanson, eu lhes fabricarei um». Morreu em 21 de novembro de 1782. Voltair e escreveu sobre ele: «O adiva Vaucanson rival, de Prometeu, parecia, rivalizando-me com a natureza, tomar os fogos do céu para animar os seus bonecos».

NA PRÓXIMA SEMANA: BIOGRAFIA DE MAXIMO GORKI

“Água Barrenta” e a Literatura “Regionalista”

anterior ao nível atual de seus conhecimentos e se deixa dominar pela realidade objetiva, sem forças para submetê-la à sua própria crítica. Outras vezes quer avançar demasiado, antepõe-se à experiência, submete a realidade ao esquema de suas novas idéias. Em ambos os casos, entre o autor e sua obra há um contraste que resulta das contradições interiores que ele não pode ainda superar. Em ambos os casos, essa falta de equilíbrio compromete a qualidade artística de sua obra.

Seria desnecessário acentuar que todos esses contornos que dominam a vida espiritual dos artistas e escritores, no mundo capitalista tendem a agravar-se, pois são uma manifestação das contradições da vida material em nossa época, que se tornam cada vez mais aguda. Na luta que se trava contra as ideologias reacionárias em que se apoiam as classes decadentes da sociedade, a vitória está definitivamente assegurada para a nova ideologia do proletariado e demais classes revolucionárias. As lutas da burguesia não podem mais ser o conteúdo de uma grande arte porque pertencem a qualquer vestígio de grandeza. Os temas que engrandeceram a arte burguesa ao passo que se transformaram hoje em gênero provinciano e contrário aos interesses das classes dominantes: a defesa da pátria, o heroísmo revolucionário, a libertação dos oprimidos, a solidariedade humana, a luta pela paz, a esperança no futuro, o amor à vida, etc. Essas temas pertencem agora à literatura e à arte do proletariado e do povo.

O sr. Rui Santos parece não ignorar totalmente essas

verdades quando romance explora o filão do romance regionalista. Entretanto o faz através e das suas horas, com um atraso de pelo menos 20 anos. O naturalismo ingenuo de alguns novelistas daqueles tempos representava, de algum modo, um passo à frente, e, apesar da falta de perspectivas claras e das deficiências de seus livros, só pelo fato de projetarem a vida do povo na literatura brasileira. Atualmente não pode haver nenhum traço de ingenuidade no naturalismo, do qual se excluem a rebeldia do homem oprimido e os mais vivos sentimentos de protesto do povo contra a situação de miséria em que vive, como acontece em «Água Barrenta».

Com o fazer, por hipocrisia, os intelectuais das classes dominantes, o sr. Rui Santos houvera, certamente, de manifestar seu horror em relação ao «romance político» ou à «arte política», mas a verdade é que seu livro de estreia é, intencionalmente, um livro político. É um romance no gosto da ditadura populista, sem conflitos sociais, sem a consciência da luta de classes, no qual se misturam trabalhados inteiramente conformados com sua escravização, e padrões internalistas, quase santos. Não falta no livro um «happy-end» udenista com que o autor tenta redimir o personagem, resolver todos os seus problemas através da Educação:

— «Estudar, João! O homem ignorante não é bom».

nam o sr. Getúlio Vargas, o Brigadeiro Eduardo Gomes e o sr. Ademar de Barros, o romance da «paz» social.

Manifestação da A.M.A.S.

Assinado pelo seu presidente e com mais de cem outras firmas, a Associação Montesa de Ajuda e Solidariedade manifestou seu inteiro apoio à Convenção Nacional.

Salienta o documento que aquela entidade luta para restituir à liberdade e fazer cessar a coação e o terror policial contra mais de mil e cinquenta patriotas desmoris da paz, da preservação das riquezas nacionais e partidários decididos da luta contra a ratificação do Acordo Militar.

Resposta de “Responda se puder”

